



EDUCAÇÃO FÍSICA E HIGIENISMO: EM NOME DA SAÚDE DO CORPO SOCIAL

Luís Henrique Silva de Araújo[i]

Benedito Carlos Libório Caires Araújo[ii]

Eixo 11: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar como a Educação Física se constitui enquanto meio para efetivação do pensamento médico higienista, da segunda metade do século XIX até 1930. Neste período, há uma preocupação por parte da burguesia em desenvolver um indivíduo forte e saudável, algo visto como necessário para o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade capitalista. Para tanto, entende-se que é necessário que se tome medidas higiênicas para erradicar o estado de promiscuidade ao qual a classe operária está imersa, desconsiderando-se que o motivo para esta situação é a miséria promovida pelas péssimas condições de vida provocadas pela nova ordem social. Portanto, a Educação Física se desenvolve, neste período, respaldada pelo pensamento médico higienista, tomando o homem apenas como ser biológico e a histórico, uma mera peça para engrenagem do modo capitalista de produção e reprodução da vida.

Palavras-chave: Capitalismo. Educação Física. Higienismo.

ABSTRACT

The present study aims to examine how Physical Education is constituted as a means of effecting the medical thinking hygienist, the second half of the nineteenth century until 1930. In this period, there is a concern on the part of the bourgeoisie in developing a strong and healthy individual, something seen as necessary for the development of the productive forces of capitalist society. Therefore, it is understood that it is necessary to take hygienic measures to eradicate the state of promiscuity which the working class is immersed, disregarding that the reason for this is poverty promoted by poor living conditions caused by the new order social. Therefore, Physical Education develops in this period, supported by medical thought hygienist, taking the man just as biological and a historical, a mere piece of gear for the capitalist mode of production and reproduction of life.

Keywords: Capitalism. Physical Education. Hygienist.

1. INTRODUÇÃO

O período que vai da segunda metade do século XIX até 1930 é importantíssimo para o entendimento da Educação Física, pois é neste íterim que são elaboradas novas concepções sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho. Na Europa, esse período é marcado pela consolidação da burguesia como classe dominante, que tem como objetivo a construção do homem novo, que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social. Esta construção do homem novo deve ser integral, ou seja, contempla os aspectos físico, mental, intelectual e cultural. Esse “homem novo” é representado pela classe operária, que começa a se constituir como uma ameaça à burguesia. Nesse contexto, a Educação Física surge como disciplina necessária para viabilizar a concretização deste objetivo, passando a integrar o discurso médico, pedagógico e familiar. Por isso, sua prática passa a ser incentivada na fábrica, na escola, no seio da família, etc, tendo a Educação Física a responsabilidade de desenvolver um corpo saudável.

Na consolidação dos ideais da Revolução Burguesa, a Educação Física se ocupa de um corpo a-histórico, indeterminado, anatomofisiológico, meticulosamente estudado e cientificamente explicado. Sua atuação será influenciada por uma visão de ciência hegemônica na sociedade burguesa: a visão positivista de ciência. Portanto, a Educação Física passa a atuar neste novo cenário, integrando o nascimento de uma nova sociedade, regida pelas leis do capital.

1. A CONSTRUÇÃO DO HOMEM NOVO NECESSÁRIO À EXPANSÃO DO CAPITAL

A expansão da economia européia no século XIX faz surgir a necessidade de um grande contingente de mão-de-obra para atuar em diferentes setores da produção. Assim, as desigualdades sociais são justificadas em nome do progresso e da necessidade de cada indivíduo ocupar – de acordo com suas aptidões naturais – as diferentes posições e cargos de acordo com a nova ordem social estabelecida. Mas, o desenvolvimento das cidades e das áreas industriais não foi acompanhado pela ampliação de serviços elementares, como a limpeza de ruas e saneamento básico. Por isso, começam a surgir as epidemias, devido às condições de vida degradantes da classe operária. As massas desesperadas crescem nos cortiços, alijadas de um processo civilizatório que ajudaram a construir com sua força de trabalho. A burguesia percebe que precisa tomar providências quando constata que a classe operária passou a se organizar e que suas epidemias podem atingir também a classe dominante. Torna-se necessária a reconstrução e o aperfeiçoamento do espaço urbano de maneira mais sistemática. O discurso da burguesia prega que as classes populares vivem mal porque estão impregnadas de vícios, de imoralidade. Através da Educação Física, objetiva-se promover uma educação higiênica, com o objetivo de instaurar uma moralização sanitária. Além disso, a classe dominante visa conter os avanços do movimento operário e desenvolver um sistema de valores e ideias capaz de determinar “cientificamente” o lugar de cada um na sociedade (SOARES, 2007).

Tais preocupações também continuam presentes no século XX, a partir da atuação dos Pioneiros da Escola Nova que, durante as décadas de 1920 e 1930, desenvolvem estudos técnico-científicos para a renovação do campo educacional, tendo a convicção de que a educação é o mais importante problema nacional, e que solucionando o mesmo, possibilita também a solução dos demais. Os renovadores, como também são conhecidos, também intervêm no espaço urbano, pois entende-se que o ambiente operário está impregnado de vícios sociais, como alcoolismo e jogo, de promiscuidades, de imoralidade, alimentação inadequada, etc, pois tais aspectos são entendidos enquanto causas da degradação biológica e social (CARVALHO, 1998). As medidas, combinadas com dispositivos de moralização dos costumes em festas, comemorações cívicas e preleções, almejam operacionalizar, através da educação, a organização racional do trabalho no país.

A 'organização racional do trabalho', portanto, englobava medidas destinadas a atenuar conflitos de classe e a aumentar a produtividade do trabalhador lidando com questões de saúde e de moral, com o objetivo de adequar a vida cotidiana do operário às exigências do trabalho industrial, na ordem capitalista (CARVALHO, 1998, p. 152).

No século XIX, a concepção de ciência dominante vê o corpo individual como uma unidade produtiva, que serve aos interesses do capital. Neste contexto, surge a ciência médica, que, assegurada pelo respaldo concedido pelo Estado, tem a missão de manter o "corpo social" em permanente estado de saúde. No entanto, apesar do pensamento médico higienista dominante, também há uma concepção de ciência médica denominada medicina social. Este ramo da medicina visa demonstrar que a verdadeira origem da doença é a realidade social, posto que a miséria e a dominação têm uma relação direta com àquela (SOARES, 2007).

No século XX, destaca-se uma entidade que também visa contribuir para o processo de assepsia social: a Associação Brasileira de Educação (ABE). Segundo Carvalho (1998, p. 28) "como espaço de concentração de operários e desocupados em torno da fábrica (...) a cidade é proposta como objeto de intervenção destinada a impor uma convivência harmoniosa entre as classes sociais".

Em 1929, Fernando Magalhães, membro do Conselho Diretor da ABE leva ao conhecimento de todos um projeto de organização social, de autoria de Amélia de Rezende Martins, a ser desenvolvido como Ação Social Brasileira. O projeto é composto por ações voltadas para a moralização dos costumes, pois o modo de vida dos operários é considerado inadequado. Neste sentido, "Dona Amélia, apaziguando sua aflição de observadora preocupada, pretende solucionar o ócio inoperante do operário e a dissolução dos costumes da alta sociedade" (CARVALHO, 1998, p. 171). Dona Amélia se preocupa com questões diversas, tais como: crianças gritando pelas ruas e quebrando vidraças; crianças da alta sociedade sem diversões interessantes; moças de boa família que se degradam a cada dia; adolescentes que se perdem na mesa de jogo ou na cocaína; operários que trocaram a família pela taverna; filmes imorais; professores que ganham menos que porteiros; lares desfeitos; escolas sem material didático adequado; circos de cavalinhos com palhaços repugnantes, entre outras. Considerando esta uma situação perigosa, Dona Amélia propõe diversas medidas, entre as quais destacam-se: publicação de jogos escolares, instrutivos e educativos, e de livros de caráter educativo em geral; publicação de revista para a mocidade escolar; museu escolar; cinema escolar e instrutivo; diversões para crianças e mocidade, para operários e suas famílias; exercícios de educação física pela ginástica e jogos esportivos; comemorações das datas nacionais e festas tradicionais; vida ao ar livre; práticas higiênicas e todos os ramos das obras sociais, educacionais e de assistência. A seguir, a análise de Carvalho (1998) sobre o projeto:

Tais prescrições são risíveis, apresentando-se como um amontoado heteróclito. Na sua minuciosa insignificância, contudo, evidenciam forte expectativa de disciplinarização abrangente do cotidiano, na medida em que se exibem como recursos de controle da ocupação do tempo livre do operário e do ócio da 'alta sociedade', no espaço da cidade.

Deste modo, o pensamento médico higienista passa a ter um importante papel para o desenvolvimento da nova ordem social, sendo a Educação Física um meio para implementar a saúde do corpo social. Neste sentido, a família torna-se um dos locais privilegiados para a intervenção higienista, visando a reorganização da classe trabalhadora, complementada pela educação escolar e seu forte conteúdo de classe, como veremos a seguir.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA NO MBITO ESCOLAR: UM BRAÇO PEDAGÓGICO DO PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA

No século XIX, a burguesia europeia tem elementos suficientes para afirmar que a força física interfere na prosperidade de uma nação. Por isso, entende-se como necessário investir no corpo individual, mas um investimento limitado para o mesmo não ir além do corpo de um “bom animal”. Neste sentido, cabe à instituição escolar, juntamente com o Estado, se responsabilizar pela saúde do corpo social. No âmbito da instituição escolar, o exercício físico vai sendo construído à partir de conceitos médicos, propagando a ideia de saúde vinculada ao corpo biológico. A escolarização primária e as ideias higienistas para manter uma vida saudável configuram-se como mecanismos de controle social e de difusão de um saber próprio de uma classe. A burguesia, sob a influência do liberalismo, cria diferentes contornos para a escola, de acordo com seus interesses. Prega uma sociedade igualitária, estabelecendo-se apenas por princípio jurídico de direito, mas não de fato. Para o pensamento liberal, a condição social é fruto da condição individual/natural. A educação escolar deve desenvolver o mérito individual, como também há o entendimento de que a instrução deve se dar de acordo com a função natural de cada indivíduo (SOARES, 2007).

No século XX, a proposta dos renovadores vai ao encontro desta linha de pensamento, senão vejamos:

Se em 20 houve propostas ‘modernizadoras’, seu sentido não foi o de ‘acessar a educação como forma de mobilidade e ascensão social para as classes populares’. Articuladas no âmbito de um projeto de construção da ‘nacionalidade’, tais propostas privilegiaram não a satisfação de uma demanda da população e sim a efetivação de um particular projeto da sociedade. Correspondiam, assim, à modalidade típica de conexão entre mudança social e mudança educacional que Celso Beisiegel identificou nos projetos da ‘elite liberal’ dos primórdios da Independência e no programa dos republicanos, privilegiando a educação como instrumento de conformação dos indivíduos a uma sociedade almejada (CARVALHO, 1998, p. 26).

A ideologia das aptidões naturais é a base das concepções educacionais do final do século XVIII e início do século XIX, que postularam uma educação de classe. E é nelas que encontramos uma preocupação com a Educação Física. No século XX, Anísio Teixeira, um dos renovadores, também é influenciado por esta perspectiva. Segundo Brandão (1999, p. 88), “Anísio está influenciado pela matriz liberal-funcionalista que aposta na distribuição harmoniosa dos homens na sociedade a partir das ‘ocupações’, segundo os ‘dons e aptidões naturais’ otimizados pela educação”.

Como já destacamos, os Pioneiros têm por objetivo articular a escola ao novo patamar civilizatório, e para tanto é preciso que a escola assuma uma nova identidade que a desgarre dos desígnios da estrutura social oligárquica que predominante até então. Esta nova organização escolar deve seguir o paradigma da fábrica, visto que é premente que a instituição escolar incorpore os avanços do desenvolvimento científico e tecnológico para que a engrenagem industrial se aprimore cada vez mais eficazmente. Para tanto, destaca-se uma entidade que representa decisiva influência neste movimento de renovação educacional: a Associação Brasileira de Educação (ABE). Destarte, “ensino técnico, métodos pedagógicos ‘modernos’, dispositivos de seleção de ‘aptidões’ e de encaminhamento profissional são alguns dos signos que possibilitarão observar a redefinição da escola operada pela ABE, segundo o paradigma da fábrica” (CARVALHO, 1998, p. 28). Para tanto, os renovadores entendem que são necessárias “medidas de racionalização do trabalho escolar sob o modelo da fábrica, tais como: tecnificação do ensino, orientação profissional, testes de aptidões, rapidez, precisão, maximização dos resultados escolares, etc” (*Idem*, p. 151). A influência do paradigma da fábrica é tão forte que o taylorismo e o fordismo são objetos de artigos e reportagens no âmbito da ABE. O paradigma da fábrica também demanda uma série de práticas higiênicas no interior da escola, visto que os hábitos de higiene devem ser aprendidos desde a mais tenra idade.

Na década de 1930, o higienismo está presente no Instituto de Educação do Distrito Federal, conforme destaca Vidal (2001)[iii]. De acordo com a autora, na reforma promovida por Azevedo os hábitos de higiene ocupam lugar de destaque, noções que eram transmitidas a partir da disciplina Higiene e Puericultura. Também é realizada, a partir de fichas médicas e dentárias, uma avaliação geral e sistemática das condições de saúde dos alunos. As fichas contêm medidas antropométricas, relato de doenças anteriores, hábitos da criança e da família, antecedentes de alcoolismo, tabagismo, sífilis etc. Os médicos têm uma atuação destacada neste processo, realizando um serviço itinerante de inspeção médica nas escolas do Distrito Federal, atualizando seu conteúdo. A partir da avaliação, os alunos são classificados e encaminhados às Clínicas Escolares, médicas ou dentárias, para a cura dos males identificados (VIDAL, 2001). Os médicos legitimam suas ações no entendimento de que “transmitir noções de higiene ao povo era emancipá-lo, evitando a degradação física ou moral. Uma nova concepção de eugenia” (Idem, p. 64)[iv].

Previo o *Programa* que, para serem estimulados os hábitos de asseio, o professor deveria proceder a uma revista diária de seus alunos, verificando roupas, orelhas, unhas, cabelos, dentes e acondicionamento correto da merenda: caneca, lenço e sabão. Outras atividades como o pelotão de saúde, ‘*verdadeiros cruzados da educação sanitária*’, e o estudo das moléstias contagiosas contribuíram para uma atitude preventiva por parte de estudantes e pais. Ainda, campanhas, desencadeadas pela escola, contra fumo e álcool e a favor do leite, frutas e legumes concorreriam para resguardar a saúde dos educandos (Idem, p. 64-65, grifos da autora).

Do ponto de vista dos médicos higienistas e da maioria dos renovadores, tendo os alunos hábitos higiênicos, estariam preparados para cuidar de si mesmos e, conseqüentemente, para formar família e criar filhos, dentro dos princípios higiênicos.

Como podemos verificar, os médicos têm uma função legitimada pelos renovadores, que acreditavam ser possível alterar o quadro de sepsia social a partir de noções de higiene, o que é um equívoco, pois as causas deste problema estão na estrutura social, o que demanda soluções que vão além desta que o grupo defende. Corroborando com esta assertiva, Brandão destaca uma citação de Anísio Teixeira sobre o assunto para, em seguida, lançar argumentos que vão de encontro ao que pensa o autor. Abaixo, destacamos Teixeira (1953 *apud* BRANDÃO, 1999, p. 88):

A escola deve ensinar a todos a viver melhor; a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; a dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e mais eficiência; a manter padrões mais razoáveis de vida familiar e social; a promover o progresso individual, através dos cuidados de higiene e os hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento.

A seguir, os argumentos de Brandão (1999, p. 88):

Neste texto aparece o preconceito – muito comum sobretudo entre as camadas médias da sociedade – em relação à pobreza. Os pobres não ‘vivem melhor’ porque não valorizam determinados hábitos, ou porque lhes falta ‘cultura’. Anísio neste momento subestima as condições materiais necessárias à produção do bem estar. Aí está presente o estigma da sujeira, falta de higiene, desvalorização da ordem e da saúde, o comodismo, apatia, etc...

Já Paschoal Lemme, na visão de Brandão (1999), tinha uma linha de pensamento diferente daquela de Anísio: “Não basta ensinar a ler e a escrever, nem somente os preceitos de higiene, ou plantar melhor, pois esses não são os instrumentos básicos para a mudança da situação existente, por mais que isso possa escandalizar os educadores” (LEMME, 1953, *apud* BRANDÃO, 1999, p. 89). Neste sentido, Brandão (1999) destaca que, para Lemme, a ingenuidade das camadas médias as leva a enxergar os problemas em uma dimensão superficial, como ocorre quando Anísio atribui à escola a incumbência de corrigir os maus hábitos culturais das camadas populares da sociedade brasileira.

Este propósito de higienização da sociedade é evidente nos discursos de Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, pois suas ideias pedagógicas tem uma íntima relação com o pensamento médico higienista, principalmente no âmbito escolar, cuja proposta pedagógica é de base anatomofisiológica. Rui Barbosa idealiza um incipiente processo de transformação política e econômica através da educação e higiene, devido à necessidade de difundir a ideia de como ser saudável. Juntos, educação e higiene podem mudar a face do país, promover o desenvolvimento, viabilizar o progresso. A elite, da qual Rui Barbosa é representante, passa a acentuar a importância da saúde e da educação, pensando-as a partir de um processo de importação de teorias de países centrais. Mas, essas teorias têm uma ruptura com o contexto de origem e uma adequação aos padrões de desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil, uma assimilação seletiva do ideário europeu pela elite brasileira mais identificada com o novo. Nesse contexto, o liberalismo compõe o pano de fundo, já que representa a própria visão de mundo da burguesia. Esta, por sua vez, é traduzida por diferentes correntes filosóficas, tais como o positivismo, o evolucionismo e o organicismo, pontuando o pensamento de estadistas, pedagogos, literatos, cientistas, médicos, etc (SOARES, 2007).

Fernando de Azevedo é outro intelectual que contribui para a estruturação da Educação Física no Brasil, mantendo estreita relação com o movimento eugenista brasileiro, considerando a Educação Física um dos problemas mais importantes da eugenia. Segundo Azevedo (1929, *apud* Soares, 2007), a eugenia é a ciência ou disciplina que tem por objetivo o estudo dos fatores que, sob o controle social possam melhorar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras. Azevedo entende que a eugenia pode intervir no meio ambiente físico, através dos avanços da engenharia sanitária. Através da eugenia visa proteger a procriação contra a degenerescência e pela privação aos reprodutores, evitar prejuízos à raça.

As discussões sobre a eugenia também esteve presente na I Conferência Nacional de Educação, organizada pela ABE.

Propostas de higienização do social, tiveram intensa circulação no Brasil nas décadas de 20 e 30. Prometendo ‘transformar o processo de seleção natural, que funcionava às ocultas do homem, em instrumento racional conscientemente empregado’, a eugenia sustentava projetos de erradicação do que era entendido como causa da degradação biológica e espiritual. Adicionava à hereditariedade fatores psicossociais, abrindo-se para o esquadramento e controle de uma gama variada de agentes do que era entendido como degeneração da espécie e abastardamento da raça (CARVALHO, 1998, p. 314).

Marcadas pela eugenia, surgem no país, no final dos anos 20, propostas de higienização do espaço urbano, através da moralização dos costumes, traduzindo-se na “procura de ‘vícios’ e ‘venenos sociais’, o álcool, a doença, a promiscuidade, a alimentação inadequada, os costumes lascivos etc. [...]” (*Idem*, p. 315). Sendo a escola e a família os campos privilegiados de intervenção, a partir da fixação de hábitos saudáveis e da erradicação de vícios, tais propostas funcionam como uma verdadeira cruzada a favor da assepsia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física é um dos mecanismos para a consecução de um projeto burguês de civilidade a partir da segunda metade do século XIX, período em que começa a se configurar como marco de um novo regime político, social e econômico: o capitalismo. O novo modo de produção exige indivíduos fortes e saudáveis para a execução do trabalho. Assim, a Educação Física – de base biológicas, juntamente com a moral burguesa – torna-se protagonista deste corpo saudável, necessário ao desenvolvimento da nova ordem social.

As ciências biológicas emprestam à Educação Física um caráter de cientificidade e os médicos higienistas são essenciais para a aquisição deste status, posto que consideram a Educação Física o elemento mais eficiente para garantir a saúde do corpo social. Além disso, está acoplada aos ideais eugênicos de regeneração da raça, destacando-se intelectuais como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, preocupados em desenvolver propostas visando à reprodução de indivíduos fortes e saudáveis, o que depende, também, de fatores biológicos.

Nas décadas de 20 e 30, verifica-se a visão romântica dos renovadores, pois acreditavam que apenas conscientizando os alunos poderiam modificar o quadro de sujeira social ao qual a classe operária estava submetida, desconsiderando que, para além de proporcionar noções de higiene aos alunos, é preciso viabilizar condições materiais dignas de existência.

Portanto, ao longo do período analisado (da segunda metade do século XIX até a década de 1930), a Educação Física atende aos critérios de cientificidade propostos pela abordagem positivista de ciência (hegemônica no período), concebendo o homem como ser biológico e a-histórico, apenas mais uma peça para a engrenagem do modo capitalista de produção e reprodução da vida.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista/SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e forma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista-SP, EDUSF, 1998.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista-SP, EDUSF, 2001.

[i] Mestrando em Educação. Universidade Federal de Sergipe. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer. Educação Física. E-mail: luyhenri@gmail.com.

[ii] Doutorando em Educação. Universidade Federal de Sergipe. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer. Educação Física. E-mail: beneufs@gmail.com.

[iii] O Instituto de Educação do Distrito Federal foi organizado a partir dos preceitos da Escola Nova, oferecendo Educação Infantil, Ensino Primário, Secundário e Normal (VIDAL, 2001).

[iv] Segundo a autora, "em 18 de janeiro de 1919, Azevedo foi eleito a Primeiro Secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo (VIDAL, 2001, p. 65).